



Revista Pai Inácio de Literatura e Arte



Universidade Estadual de Feira de Santana
Campus Avançado da Chapada Diamantina

Conto

DUAS AUTORAS A PROCURA DE UMA PERSONAGEM

©ANA CRISTINA PEREIRA DE OLIVEIRA (PALMEIRAS-BA)

Ao chegar de moto na cidade onde nasceu e onde viveu sua primeira infância, Isabela sentiu-se invadida por uma estranha sensação. Não é que não gostasse dali. Achava a cidade de Belas Flores muito bonita. Cercada de rios e montanhas tinha cachoeiras e grutas belíssimas, além de praças e canteiros com variadas espécies de flores. Não sabia explicar o porquê de tanto estranhamento. Mas sentia-se como se não pertencesse àquele lugar.

Era como se, por alguns instantes, lhe falhasse a memória. Isabela se lembrava dos rios e cachoeiras, de estar correndo com outras crianças atrás das pipas, de trepar nas árvores para colher mangas, de apostar corrida de bicicleta com os amigos, de roubar frutas nos quintais dos vizinhos e de outras peraltices de menina do interior. Mas essas lembranças vinham em flashes, como se tivessem sido sonhos. E nem poderia atribuir esse desajuste ao progresso.

Apesar de ter se expandido bastante, Belas Flores ainda mantinha aquele ar provinciano e pacato típico de cidade pequena do interior. Era sua cidade natal, constava isso em seus documentos e em seu histórico de vida, mas não sabia por que motivo não conseguia encaixar sua infância àquele cenário.

Não se lembrava desde quando começou a sentir aquelas coisas estranhas, mas às vezes, tinha a sensação de estar sendo fisgada por um fio preso bem ao topo de sua cabeça. Era como se a limitassem ou como se algo a conduzisse quase que a arrastando. Outras vezes sentia-se estranhamente ausente, como se deixasse de existir e ficava parada quase que estática observando acontecimentos e pessoas do seu cotidiano como se deles não fizesse parte.

Isabela costumava viajar muito e, como acontece com muitas pessoas, ocorria-lhe com frequência a sensação de já ter estado em um lugar ao visitá-lo pela primeira vez. Sentimento inverso ao que estava sentindo agora ao se aproximar do portão e avistar seus pais. "Seus pais? Ela ainda tinha pais?" Devaneou por alguns instantes. É claro que os tinha! Viera ali justamente para visitá-los! É que no corre-corre do dia a dia da cidade grande raramente se lembrava disso. Por uma fração de segundos os estranhou, mas logo os abraçou e aceitou o aconchego e o cheiro de ninho.

No decorrer da semana seguinte, Isabela tentou esquecer esses ensaios de loucuras que a consumia e tratou de usufruir ao máximo a visita de volta ao lar de infância. Desfrutando de comidas e doces caseiros, além de deliciosos sucos orgânicos e do carinhoso aconchego familiar. Afinal, aquela era sua família e ela os amava.

Aproveitou ainda para fazer muitas caminhadas ao ar livre e curtir o clima do campo. Degustava os cheiros das flores e dos eucaliptos que invadiam suas narinas. Mas, volta e meia, se sentia estranha novamente, se questionando se havia nascido ali, de fato.

Findadas as curtas férias, numa bela manhã de sol de segunda-feira, Isabela monta em sua moto e parte de volta para a cidade grande, para sua rotina de vida e de trabalho. Ao ultrapassar o limite da cidade de Belas Flores carrega ainda a sensação de que nunca estivera ali antes, mas ao mesmo tempo se sente leve e feliz. Aqueles dias de descanso lhe fizera bem à alma.

No meio da estrada Isabela começou a ouvir um barulho estranho e sentiu que a moto estava engasgando muito, parou para verificar, mas não notou nada de errado. Ao subir de volta na moto, tentou dar partida por dezenas de vezes

e nada. O motor simplesmente se recusava a funcionar. Não estava entendendo como aquilo poderia estar acontecendo. A moto era quase nova, só tinha dois anos de uso e fizera revisão antes de viajar. Após tentar chamar seu pai pelo celular – sem êxito porque estava próximo a uma floresta e ali não chegava o sinal – procurou manter a calma. Afinal àquela hora da manhã, naquela estrada passavam vários carros, principalmente em época de feriadão. Imaginou que logo alguém apareceria por ali e lhe acudiria.

Assim deveria ter acontecido, mas não o foi. Parecia-lhe que estava vivendo num daqueles dias em que impera a “Lei de Murphy”. Isabela sentou-se à beira da estrada e ficou ali esperando pela passagem de um bendito carro, mas nada de passar um único ser humano (fosse de carro, moto, bike ou a pé). Só ouvia os cantos dos pássaros e o som do silêncio da mata.

Passaram-se três horas e nada. Já estava quase torrando sob um sol escaldante quando resolveu adentrar mais um pouco na mata para se proteger embaixo de uma árvore, sempre atenta ao barulho de carros. Mas ao deitar-se e olhar para cima, avistou na copa – bem enroladinha num galho e camuflada entre as folhas – uma enorme jiboia. Levantou-se bem devagarzinho para não despertar a peçonhenta e voltou a sentar-se na beira da estrada. Nesse momento, olhando ao redor, novamente lhe invadiu aquela sensação estranha de que não deveria estar ali.

Cinco horas depois, ela continuava lá parada com sua moto, esperando que alguém passasse para lhe ajudar. Exausta e faminta, parecia que cada minuto era uma eternidade. Já estava quase rezando para todas as deusas e para todos os deuses, apesar de ser atea. Foi quando, de repente, ouviu ao longe o barulho de motor. Seria miragem!? Não, não era.

Vinham duas mulheres num jipe que, ao primeiro sinal das mãos cansadas de Isabela, pararam. Eram duas senhoras simpáticas, com sorrisos largos e encantadores. Apresentaram-se como Mariana e Ana Maria e, por coincidência também estavam indo para a metrópole.

Isabela tentou explicar a situação para elas, mas foi logo interrompida por Ana Maria que dizia que já sabia de todo o acontecido, pelo qual lhe pedia mil desculpas, prometendo que lhe recompensaria no futuro. Isabela a olhou e com um sorriso meio cansado, perguntou:

– Como assim? Por que me pede desculpas, se nem me conhece?

Ana Maria respondeu que lhe conhecia sim e muito bem. E que, apesar de tudo estar parecendo muito confuso, havia uma lógica e que lhe explicaria tudo no próximo restaurante.

Afinal as duas também estavam famintas, andaram a procura de Isabela durante todo o dia.

A moça achou aquela conversa muito estranha, mas estava tão exausta que resolveu não protestar. Depois de esconder sua moto no meio do mato – com a ajuda das duas senhoras – entrou no Jipe se sentindo aliviada por ter saído daquela situação inusitada. Já não via a hora de poder chegar num lugar onde pudesse pedir ajuda para sua família. Porém, mais inusitada do que a situação, era o diálogo que ouvia daquelas duas senhoras durante o caminho.

Ana Maria começou dizendo pra Mariana:

– Viu o que você fez? Quase matou a moça!

Ao que Mariana retrucou:

– Eu? Quem inventou essa pane na moto foi você, Ana!

– Claro! Tive que inventar a pane, para fazer com que nos encontrássemos e tentar consertar as besteiras que você fez com a vida dela.

– Não fiz besteira coisa nenhuma! – Encontrei uma cidade linda para ela e devolvi-lhe os pais. Você é que estava fazendo a pobrezinha sofrer. Viu como ela estava feliz com as pequenas alterações que eu fiz?

Sem poder deixar de prestar atenção à discussão e se perguntando que espécie de loucas eram aquelas mulheres, Isabela resolveu pedir licença para interromper a discussão das duas e perguntou:

– Quem são vocês e de quem é que estão falando?

As duas fizeram ouvidos moucos, não responderam à pergunta, pararam de discutir e ficaram num estranho silêncio. Sem entender quase nada, Isabela resolveu compactuar com o silêncio das duas. Estava exausta e faminta, portanto sem muita energia para insistir em qualquer tipo de discussão.

Chegando ao restaurante Isabela tentou ligar diversas vezes para casa de seus pais, mas não conseguia completar a ligação. Resolveu então, sentar junto à mesa com as senhoras que lhe havia dado carona. Comeram e conversaram sobre coisas triviais até o momento em que ela – ainda intrigada com a conversa que ouvira no caminho – quis voltar ao assunto. Foi então que Ana Maria – tendo sua narrativa interrompida vez por outra pelos protestos de Mariana – contou-lhe como se deu a história.

Elas eram duas escritoras e eram amigas há décadas. Ana Maria estava escrevendo um romance chamado “A Bela Vida de Isabela” – no qual Isabela era a protagonista. Há alguns meses atrás precisou fazer uma viagem inesperada. Como tinha um jardim e animais domésticos para serem cuidados, resolveu pedir ajuda à amiga. Assim se deu que Mariana ficou em sua casa por duas semanas. E, não sei se por falta do que fazer ou por “xeretagem”, resolveu fuçar os escritos da amiga.

Não se contentando em mexer naquilo que não era da sua conta – relatava Ana com indignação, enquanto Mariana dava muxoxos – a amiga resolveu mudar uma coisinha aqui e outra ali. Acabou mexendo onde não devia e mudou toda a vida de

Isabela. Por exemplo, seus pais não eram aqueles que ela acabara de visitar. Sua cidade natal era Florentina e não Belas Flores.

Isabela ouvia tudo aquilo com um ar risonho e pensativo. “Nossa! Como eram loucas e divertidas aquelas duas senhoras!” Pensava. Foi bom tê-las encontrado, depois de um dia tão cansativo como aquele. Numa tentativa de interagir e tentando incrementar a brincadeira, ela perguntou a Ana Maria qual era então sua verdadeira história. Ouviu o seguinte.

– Você é essa pessoa que você pensa ser mesmo, Isabela. A pessoa simpática, inteligente e feliz que eu criei. A única diferença é que essa louca, a quem chamo de amiga, resolveu bagunçar um pouco sua vida. Isso aconteceu há três meses e, desde então, tenho tentado consertar. Só que estou tentando fazer isso de uma maneira que você não enlouqueça.

Ao mesmo tempo em que achava certa graça, pensava que estava lidando com duas esquizofrênicas e achando que poderia ser perigoso contrariá-las, Isabela resolveu continuar alimentando aquela brincadeira dizendo que estava achando aquela história bastante criativa e pedindo para que Ana continuasse com a narração. Foi quando Ana perguntou:

– Você se lembra que, há três meses, você sofreu um acidente grave e teve que ficar internada, Isabela?

– Pois é, vai se lembrar disso agora – assim como, aos poucos, vou fazer você se lembrar de tudo o mais! Então. Foi nesse ponto de sua vida que eu tive que parar com o romance por causa da viagem que já te disse. Você estava internada lá no Hospital Santo Estevão.

Agora o sorriso de Isabela começou a se dissipar, dando lugar a um ar de preocupação e de perplexidade. “Como aquela mulher poderia saber desse episódio de sua vida? Seria ela alguma espécie de bruxa ou vidente de verdade?” Mas, ainda fingindo achar graça Isabela disse:

– Ah! Já sei! Vocês são como uma espécie de ciganas ou videntes! E conseguem ler a vida das pessoas a partir da Iris! E prosseguiu dizendo com ar de chacota:

– Mas vocês não me enganam não! Qualquer um lá em Belas Flores poderia ficar sabendo do meu acidente. Muito provavelmente conheceram meus pais em algum momento e eles devem ter comentado esta história! Mas foi uma boa tentativa. Gostei muito da criatividade e imaginação das duas, quase conseguiram me convencer.

Agora foi a vez de Mariana se manifestar:

– Não querida! Você não é, originalmente, de Belas Flores e aqueles não são seus verdadeiros pais! Essa minha amiga de mau gosto, fez com que você nascesse em Florentina – nada contra aquela bela cidade, mas Belas Flores é muito mais bonita, não é? E para completar, ela te deixou órfã. Seus pais morreram no mesmo acidente do qual você sobreviveu.

Isabela deu um sorriso meio desesperado, meteu a mão na bolsa e sacou seus documentos, mostrando para as duas e dizendo:

– Olhem aqui. Sou Isabela Silva da Silva, filha de Florisbela Silva e de Isautino da Silva e sou natural de Belas Flores. Vejam aqui todos os meus documentos! E tem mais, estou voltando de uma visita à casa de meus pais. Acho que como videntes vocês estão precisando se especializar mais.

Nesse momento Ana olha para cara de Mariana e diz:

– Viu o que você fez com a moça?

Depois, olhando bem nos olhos de Isabela, complementou:

– Olha querida, não fiz por maldade, juro! Foi um mal necessário que você sofresse um acidente e continuasse viva. O fato de seus pais morrerem também fazia parte do enredo. Afinal, você vivia sempre reclamando que eles eram muito possessivos e excessivamente protetores. Mas, isso não vem ao caso no momento, depois trataremos disso. O fato é que no meu romance você não havia perdido os documentos. Continuará sendo você mesma, Isabela da Divina Beleza, filha de Maria Divina e de João Beleza, nascida na cidade de Florentina – e acordaria do acidente sem grandes traumas. Mas, essa aqui, resolveu fazer com que você perdesse todos os seus documentos e parte da memória. Assim que viajei há três meses, essa louca violou meus escritos e teve acesso ao meu romance. Como resultado, resolveu nos pregar essa peça. Mas, não se preocupe, no final vai dar tudo certo.

Nesse momento Isabela interveio, com certa ironia, dizendo:

– Ah tá, senhora grande bruxa. Mas e esses meus pais que acabei de visitar?

“Quero ver como saem dessa!” Pensou.

Ao que Ana respondeu:

– Não são seus pais, são seus padrinhos. Antes eles não moravam em Belas Flores, moravam em Florentina, que também é uma cidade bonita, cercada de montanhas, cheia de rios e cachoeiras.

E prosseguiu dizendo:

– Depois de sofrer o acidente e perder seus pais – na minha versão que é a verdadeira história – você acordaria bem física e mentalmente, apesar de arrasada emocionalmente. Mas disso você não vai se lembrar, por enquanto.

Mariana interrompeu novamente dizendo:

– Eu só quis protegê-la. Por isso fiz com que você acordasse sem memória. E, numa das visitas dos seus padrinhos você começou a tratá-los como se fossem seus verdadeiros pais. Eles aceitaram – e alimentam a ideia até hoje – porque não queriam te traumatizar mais ainda.

Nesse momento, Isabela sentiu a sensação de ter entrado em um transe profundo. Não sabia o que pensar ou o que dizer. Ana Maria, ignorando o transe, chamou o garçom e pediu a conta.

De volta ao jipe, Ana fez Isabela acordar com um simples tocar no ombro e disse:

– Já comemos e já descansamos. Nossa próxima parada será na cidade de Esperança.

Chegaram a Esperança no final da tarde e foram recebidas por um belo pôr de sol. Depois de decidirem que não seria seguro viajar durante a noite, se hospedaram em uma pousada – já conhecida pelas duas senhoras – se instalaram e resolveram dar uma volta pela cidade.

Foi quando Isabela começou a sentir de novo aquela sensação estranha de que não se encaixava naquele cenário. Lembrou-se da estranha conversa de suas mais recentes amigas e resolveu perguntar a Ana, com um ar meio jocoso:

– Por que Florentina e não Belas Flores!

Ao que Ana Maria respondeu zombeteiramente:

– Ainda não sei. Talvez seja porque lá te espera o seu grande amor!

As duas se abraçaram e riam muito enquanto caminhavam pela calçada.

– Olha lá! Um bingo! Vamos brincar um pouco? Disse Mariana, se metendo entre as duas e abraçando-as também.

Entraram e brincaram durante algumas horas. Naquele dia, Isabela teve muita sorte e ganhou uma moto novinha. Depois saíram para jantar, conversaram e se divertiram muito.

Voltaram à pousada, já tarde da noite, num clima de alegria e felicidade! Afinal, fora uma noite bastante agradável!

Na manhã seguinte, ao acordar, Isabela foi ao quarto das amigas – já as considerava assim – mas elas não lhes atenderam. Imaginou que já teriam descido para o café da manhã e resolveu seguir em direção ao refeitório da pousada. Após procurá-las por toda parte do estabelecimento, resolveu ir até a recepção e perguntou por elas. A recepcionista disse que as duas haviam partido logo cedo, mas que deixaram um bilhete para ela.

Surpresa e ansiosa, Isabela leu o bilhete que dizia:

“Querida Isabela!

Obrigada por se fazer presente em nossas vidas!

Espero que tenha desfrutado desse encontro raro. Nós desfrutamos muito!

Tudo o que queremos agora é que siga livre, em paz e que seja feliz.

Boa viagem!

Carinhosamente,

Mari e Ana Maria”

Ela ficou bastante emocionada ao ler o bilhete e já começava a sentir saudades daquelas duas maluquinhas. Que mulheres lindas e especiais que conhecera! Passada a emoção por ter lido aquele carinhoso bilhete, Isabela saiu para receber seu prêmio no bingo.

Isabela descobriu com satisfação que, apesar de zerinho, a moto já estava licenciada, só precisaria trocar o nome nos documentos quando chegasse à metrópole. Por isso decidiu que partiria naquela tarde.

Enquanto guiava sua moto nova em direção à sua casa, Isabela pensou nas coincidências da vida. Lembrou-se de como andava se sentindo ultimamente e de como as pessoas, incluindo ela mesma, eram autossugestionáveis. Quase acreditar a história maluca daquelas duas pessoas que, apesar de simpáticas, eram bastante estranhas.

Seguindo pela estrada, numa bifurcação, percebeu que deveria seguir à direita para a metrópole, mas a placa à esquerda indicava a entrada da cidade de Florentina. Optou por entrar à esquerda.



ANA CRISTINA PEREIRA DE OLIVEIRA

Pseudônimo: Flor da Mata

Data de nascimento: 12 de junho de 1967

Naturalidade: Ilhéus-BA

Residência: Palmeiras-BA

Formação: Administração de Empresa ; Letras Vernáculas com Língua Estrangeira Moderna – Espanhol (UFBA).

Atuação profissional: Funcionária pública federal, exercendo a função de Técnica Administrativa no Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio.

Experiências literárias e artísticas: Escritora amadora, um livro de contos e outro livro de poemas prontos, além de crônicas e prosas poéticas (nenhuma obra publicada até o momento).